

ELEMENTOS PARA UMA DEFINIÇÃO DE LITURGIA

Etimologia - A palavra LIT - URGIA vem da língua grega: laos = povo e ergon = ação, trabalho, serviço, ofício... Unindo os dois termos que formam a palavra, encontramos a raiz mais profunda do significado da LITURGIA, ou seja: AÇÃO, trabalho, serviço do povo e realizado em benefício do povo, isto é: um serviço público, como dizemos hoje.

Antes mesmo desta palavra ser usada na igreja, os gregos a usavam para indicar qualquer trabalho realizado a favor do povo e sempre realizado pelo povo, em forma de mutirão, como temos hoje. Então quando abriam uma estrada ou construíam uma ponte ou realizavam qualquer trabalho que trouxesse benefício a população, entre os gregos se dizia: realizamos uma liturgia.

Este sentido primeiro da palavra nos ajuda a buscar o que deve ser hoje a LITURGIA CRISTÃ em nossas comunidades, sobretudo depois de séculos de história em que a liturgia ficou reduzida a uma ação realizada por ministros ordenados (bispos, padres...) para o povo. Era uma ação em que o povo não tomava parte, apenas “assistia” como expectador e, muitas vezes, sem compreender o que estava sendo feito.

Graças ao Concílio Vaticano II, realizado há cinco décadas, voltamos ao sentido genuíno da Liturgia, como AÇÃO do povo batizado e, por isso todo ele SACERDOTAL, chamado ao louvor de Deus e à transformação e santificação da vida e da história. Uma ação conjunta em parceria com o próprio Deus, numa dinâmica de aliança e participação cada vez mais “ativa, consciente, plena e frutuosa.”

Contemplando com o olhar da fé nossa história, constatamos que Deus se manifesta sempre agindo amorosamente e, sua ação é permanente SERVIÇO À VIDA, um bem que atinge toda a humanidade e todo o cosmo. É sempre ação criadora, libertadora, transformadora e santificadora que, não só nos atinge, mas nos envolve e nos torna agentes, participantes desta sua ação, numa aliança de amor e compromisso.

A maneira mais concreta, perfeita e plena de Deus agir a nosso favor foi através de Jesus, o Verbo encarnado, o Filho amado que se fez irmão e servidor (liturgo) com sua encarnação, vida, paixão e principalmente pela sua morte e ressurreição. E mais, entregou-nos sua força, energia divina, seu Espírito, pelo qual nos faz capazes de AGIR também como filhos/as amados de Deus Pai, realizando e continuando com Ele esta ação libertadora, redentora a serviço de vida abundante para todos e seu Reino se estabeleça definitivamente.

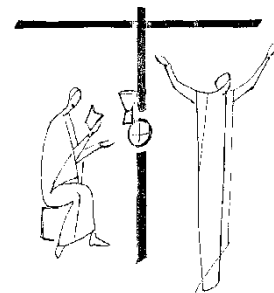
Portanto, o sentido mais amplo da Liturgia é toda esta ação realizada por Deus, em Jesus Cristo e, através do seu Espírito em nós e através de nós a toda a humanidade. Toda a AÇÃO a favor da vida é LITURGIA, no sentido amplo da palavra. É participação no serviço libertador de Jesus.

CELEBRAR é uma ação comunitária, festiva, que tem a ver com tornar célebre, importante, inesquecível, é destacar do cotidiano, é ressaltar o significado, o sentido profundo que um acontecimento ou pessoa tem para um determinado grupo.

Todos temos necessidade vital de celebrar, assim como temos necessidade de pensar, de agir, de nos relacionar, de comer e beber... Como seres humanos, somos essencialmente celebrantes. Em todos os tempos e variadas culturas, os povos encontram momentos e formas diversas de celebrar para expressar e aprofundar o sentido da vida.

Gostamos de comemorar o nascimento de uma criança, o aniversário, o casamento, uma vitória conquistada, os gols de nosso time de futebol, uma data cívica... Celebramos não só momentos felizes ou extraordinários, mas também os tristes e até os mais corriqueiros que tecem nosso cotidiano e consideramos importantes. Ao celebrar estamos ressaltando o significado deles para nossa vida.

Para celebrar usamos gestos, ações simbólicas, ritos e Palavras que expressam o que pensamos, o que acreditamos, o que desejamos, o que esperamos, o que amamos ou rejeitamos... enfim, a visão que temos da pessoa, do mundo, da sociedade, de Deus... Nossas crenças, nossas convicções, nossa identidade como grupo, como povo... É só pensar nos



símbolos, gestos, ritos e Palavras que usamos num carnaval, numa festa de aniversário, de casamento, de Folia de Reis, num batizado.

Na caminhada de fé do povo da Bíblia, encontramos muitos momentos celebrativos. Ao celebrar, o povo de Israel fazia memória das ações que Deus realizava em seu favor no passado, as reconhecia no presente e alimentava a certeza de sua fidelidade no futuro.

O próprio Jesus quis tornar célebre, inesquecível todo o seu trabalho a favor da humanidade. Ele expressou com a ação simbólica de uma refeição, a CEIA PASCAL, o significado profundo de toda sua vida e missão: “sua Liturgia-vida”.

Ele antecipou com um rito, a doação de sua vida na cruz, preparou-se e preparou seus discípulos para viverem a HORA da entrega e de amor sem limites.

A Liturgia-celebração e a Liturgia-vida foram inseparáveis na vida do povo de Deus, na vida de Jesus, na vida dos primeiros cristãos, assim como devem ser inseparáveis na vida de nossas comunidades.

Celebrar a Liturgia é, portanto, expressar com gestos, símbolos e palavras a Liturgia-vida; é tornar célebre, inesquecível a ação que o Pai realizou em Jesus e através dele a toda a humanidade e continua hoje, em nós e através de nós e de todos que aderem ao projeto do Reino pela força e animação de seu Espírito.

OLHAR PANORÂMICO DA HISTÓRIA DA LITURGIA

1. Algumas características da Liturgia no primeiro milênio.

Vejamos como era a liturgia no primeiro milênio, pelo menos até o século IX, detectando aqui, resumidamente, apenas algumas características próprias da celebração da liturgia naquele período da era cristã.

A) *A liturgia como celebração memorial do mistério de Deus atuando na história. A liturgia era vivida e compreendida como celebração do mistério pascal.*

B) *A liturgia tinha um cunho eminentemente eclesial-comunitário. Refletia um modo de ser igreja toda ela ministerial. A assembleia era sentida e vivida como corpo de Cristo, povo sacerdotal.*

C) *Participada por todos, a liturgia é que era «a devoção do povo» e a principal fonte de espiritualidade cristã. Não existiam outras devoções. A centralidade do mistério pascal celebrado na liturgia é que era determinante. Inclusive os mártires eram celebrados à luz deste mistério.*

D) *O povo tinha contato direto com a Palavra de Deus na liturgia. Portanto, a escuta da Palavra era vivenciada como um momento privilegiado de diálogo de Deus com seu povo.*

E) *As assembleias litúrgicas sabiam participar deste mistério usando a linguagem própria de sua cultura, com sua língua e costumes próprios. Assim é que se formaram verdadeiras “famílias litúrgicas”, com sua língua e costumes próprios, entre as quais a «liturgia romana».*

A **liturgia romana** tinha a característica de ser simples, sóbria, despojada e prática, mas ao mesmo tempo elegante e nobre. As orações (geralmente dirigidas ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo) eram curtas, objetivas, concisas, e muito bem elaboradas. Sem muitos rodeios, mas com elegância literária e impressionante densidade teológica, ela se atém ao essencial, a saber, ao mistério celebrado.

Numa palavra, durante o primeiro milênio, o que se procurava era *garantir o essencial* quando se celebrava a divina liturgia, a saber: *o mistério pascal como motivo central da celebração, o contato direto de todos com a Palavra de Deus proclamada na celebração, a participação ativa, consciente e plena de todos na celebração, o jeito de celebrar adaptado aos diferentes povos com sua cultura.*

2. A Liturgia romana no segundo milênio: deslocamentos de eixo.

No segundo milênio da era cristã aconteceu um impressionante deslocamento de eixo na compreensão e vivência da Liturgia.

A) A centralidade da Liturgia como celebração do mistério pascal cedeu lugar às devoções (devoção aos santos e ao Santíssimo Sacramento). As devoções passaram a ocupar o lugar central.

B) A dimensão eclesial comunitária da Liturgia cede lugar ao individualismo religioso. O povo não se sente mais assembleia, povo sacerdotal, corpo de Cristo, sujeito da celebração litúrgica.

C) A Liturgia como fonte de espiritualidade cristã cede lugar às devoções. O centro de espiritualidade não é mais o mistério pascal celebrado na Liturgia, mas os santos e o Santíssimo Sacramento venerados pelas práticas devocionais (novenas, promessas, procissões, adorações etc.).

D) Também a centralidade da Palavra de Deus na Liturgia cede lugar às devoções a Jesus e aos santos. Tanto que a Palavra nem era mais proclamada na Liturgia, mas lida em voz baixa lá no altar.

E) O uso da língua e costumes próprios das culturas dos povos, na celebração do mistério pascal, cede lugar (no Ocidente) ao centralismo de Roma que obriga a todos adotarem rigorosamente o modelo romano, nos seus moldes medievais e pós-tridentinos de celebrar a Liturgia.

E mais: A nobre simplicidade da Liturgia romana do primeiro milênio, em sua forma de celebrar o mistério, cede lugar à extravagante pompa barroca no período pós-tridentino, em que prevalece o luxo, o triunfalismo, o enaltecimento exagerado dos elementos exteriores do culto, relegando o essencial para segundo plano.

Numa palavra, aconteceu no segundo milênio um impressionante deslocamento de eixo na compreensão e vivência da Liturgia:

- do essencial para aspectos acidentais,
- do teologal para o devocional,
- do eclesial-comunitário para o individualismo religioso,
- do mistério celebrado para o cumprimento meramente exterior dos ritos,
- da adaptação às culturas para a uniformidade rígida e obrigatória para todos,
- da nobre simplicidade para cerimoniais complicadíssimos, incompreensíveis.

Foi com esta vivência e compreensão de Liturgia, isto é, em moldes medievais e pós-tridentinos, que fomos evangelizados no Brasil. Esta foi a Liturgia que herdamos e que se enraizou no imaginário de nossa gente, que passou a compor (pelo “catolicismo popular”) o mosaico da nossa tradição cultural.

3. A «*Sacrosanctum Concilium*»: resgate do essencial.

A Igreja, ciente de tais deslocamentos de eixo na compreensão e vivência da Liturgia (que haviam se arrastado por séculos, praticamente por todo o segundo milênio!), depois dos longos e penosos anos do movimento litúrgico, mediante a Constituição “*Sacrosanctum Concilium*”, tomou uma importante decisão pastoral: regatar o essencial que se havia ‘perdido’ e recolocá-lo no seu eixo central.

A) Resgata-se a centralidade do mistério pascal na celebração da Liturgia. Supera-se a visão meramente exterior e utilitarista da Liturgia em favor de uma visão eminentemente teológica da mesma. Retoma-se a vivência e compreensão da Liturgia como celebração do mistério pascal, como momento histórico da salvação. A Liturgia é apresentada novamente como a fonte mais excelente de espiritualidade cristã.

B) Resgata-se a linguagem simbólico-sacramental de toda a Liturgia, pela qual o mistério de Deus comunica a seu povo a salvação pascal, e o povo, por sua vez, se comunica com o mistério acolhendo a salvação e se comprometendo com o projeto do Deus da vida. E se resgata a compreensão dos sacramentos como celebração do mistério pascal.

C) Resgata-se a dimensão eclesial-comunitária da Liturgia, a importância da assembléia litúrgica (povo sacerdotal, corpo de Cristo), toda ministerial e sujeito da celebração. É todo o povo que, presidido por seus pastores, celebra a Liturgia!

D) Resgata-se a prioridade da participação plena, consciente e ativa na Liturgia, como um direito e obrigação do povo cristão.

E) Resgata-se a tradição antiga de uma Liturgia que sabe se adaptar à índole dos diferentes povos.

E para que o essencial, isto é, o mistério de Cristo, pudesse reaparecer na sua pureza absoluta, era preciso limpar toda a “poeira” medieval e pós-tridentina que foi se acumulando sobre as expressões celebrativas próprias do rito romano, que o transformaram num complicadíssimo cerimonial religioso. Era preciso purificar o rito romano de todas as excrescências acumuladas ao longo dos tempos e que comprometiam seriamente a vivência do mistério pascal. Resgatar a Liturgia romana na sua pureza original, este foi um dos grandes desafios, como na prática enfatiza o próprio Concílio.

ELEMENTOS DE TEOLOGIA LITÚRGICA *SACROSANCTUM CONCILIUM*

A Obra da Salvação, prenunciada por Deus Pai, realiza-se em Cristo (SC 5)

Deus “**quer que todos sejam salvos**” (1Tm 2,4). Por isso: “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho” (Hb 1,1-2).

A **humanidade do Filho de Deus foi o instrumento de nossa salvação**. Cristo especialmente pelo «**mistério pascal**» de sua paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, realizou a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus. E do lado de Cristo agonizante sobre a cruz *nasceu* o admirável sacramento de toda a Igreja (Jo 19,34).

A Obra da Salvação continuada pela Igreja realiza-se na Liturgia (SC 6)

Cristo, enviado pelo Pai, por sua vez enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, para: **pregar** o Evangelho a todas as pessoas (Mc 16,15) e para **realizar** a obra de salvação que anunciavam, por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica da Igreja.

Portanto: pelo **batismo** as pessoas são inseridas no mistério pascal de Cristo: com Ele mortas, com Ele sepultadas, e com Ele ressuscitadas (Rm 6,4); recebem o espírito de adoção de filhos, no qual clamam: *Abba, Pai* (Rm 8,15), e se tornam verdadeiras adoradoras que o Pai procura (Jo 4,23); e toda vez que comem a **Ceia do Senhor**, anunciam-lhe a morte até que venha (1Cor 11,26).

Assim, no dia de Pentecostes, no qual a Igreja se manifestou ao mundo, os que receberam a palavra de Pedro foram batizados... e perseveravam na fração do pão (cf. At 2,41-47).

Desde então, a Igreja jamais deixou de **reunir-se** para celebrar o mistério pascal: **lendo** “tudo quanto nas Escrituras a ele se referia” (Lc 24,27), **celebrando** a eucaristia e, ao mesmo tempo, **dando graças** “a Deus pelo seu dom inefável” (2Cor 9,15) em Cristo Jesus, “para louvor de sua glória” (Ef 1,12) na força do Espírito Santo.

Presença de Cristo na Liturgia – SC 7

Para realizar tão grande obra, **Cristo está sempre presente em sua Igreja**, e especialmente nas ações litúrgicas.

Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz”, como sobretudo nas espécies eucarísticas.

Ele está presente pela sua virtude **nos sacramentos**, de tal modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo quem batiza.

Ele está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala quando na Igreja se lêem as Sagradas Escrituras.

Ele está presente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: “onde se acharem dois ou três **reunidos** em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

Realmente, nesta grandiosa obra (*da Redenção*), pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua esposa, que invoca seu Senhor, e por Ele presta culto ao Pai.

Com razão, portanto, a **Liturgia** é considerada como **exercício da função sacerdotal de Cristo**. Ela **manifesta/simboliza** através de sinais sensíveis e **realiza** a santificação das pessoas; nela a Igreja, associada a Cristo, glorifica o Pai. Por isso, toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau.

Liturgia terrestre e liturgia celeste – SC 8

Na liturgia da terra nós participamos, e de certa maneira, antecipamos a liturgia do céu, para a qual caminhamos como peregrinos, onde o Cristo está sentado à direita de Deus. **Venerando a memória dos santos**, esperamos participar um dia do seu convívio. Vivemos esperando nosso salvador, Senhor Jesus Cristo, até que ele, nossa vida, se manifeste, e nos tomaremos parte com ele na glória.

A Liturgia, no Conjunto da Missão da Igreja, não é a única atividade – SC 9

A Sagrada Liturgia não esgota toda a ação da Igreja. Pois, antes que os homens possam chegar à Liturgia, é necessário que sejam chamados à fé e se convertam (Rm 10,14-15).

É por este motivo que a Igreja anuncia a mensagem de salvação **àqueles que ainda não crêem**, a fim de que todos os homens conheçam o único verdadeiro Deus e o seu enviado, Jesus Cristo, e se convertam de seus caminhos, fazendo penitência (Jo 17,3; Lc 24,27; At 2,38); **aos que crêem** ela deve **pregar** constantemente a fé e a penitência, **administrar** os sacramentos, **ensinar** a guardar tudo o que Cristo mandou (Mt 28,20), **estimular** à prática da caridade, piedade e apostolado, através das quais se torne manifesto que os fiéis cristãos “não são deste mundo”, e contudo são “a luz do mundo” e dão glória ao Pai diante dos homens.

Mas a Liturgia é o Cume e a Fonte da Vida da Igreja - SC 10.

Contudo, a Liturgia é o **cume** para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a **fonte** donde emana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo batismo, se reúnam em assembleia, louvem a Deus na Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor.

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis a fim de que, saciados pelos “mistérios pascais”, vivam unidos no amor, e pede que “sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé”. A renovação da aliança do Senhor com os homens, a Eucaristia, solicita e estimula os fiéis para a imperiosa caridade de Cristo.

A Liturgia na Vida Espiritual dos Fiéis – SC 11-13

Para chegar a essa eficácia plena, é necessário que os fiéis se acerquem da Sagrada Liturgia com disposições de *reta intenção*, acompanhem com a *mente* as *palavras*, e *cooperem* com a graça divina para não recebê-la em vão (2Cor 6,1). Por isso, é dever dos sagrados pastores vigiar para que, na ação litúrgica, não só se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela consciente, ativa e frutuosa.